
Apresentação

Modos de esquecimento e de memória no espaço literário luso-brasileiro

Doi

<https://doi.org/10.37508/rcl.2024.n52a1329>

A revista *Convergência Lusíada* dedica este número 52 a um tema relevante e muito actual – “Modos de esquecimento e de memória no espaço literário luso-brasileiro”. Consabidamente, as dinâmicas de esquecimento e de memória caracterizam profundamente as sociedades contemporâneas. Cruzando linguagens e perspectivas epistemológicas (a Literatura, outras artes – como a fotografia – e saberes como a História, a Cultura, a Antropologia, de forma tantas vezes interligada), os Estudos de Memória ganham hoje particular importância um pouco por todo o mundo.

Entre Memória e História, pessoas e lugares são objecto de múltiplas escritas de memória, de pós-memória ou de memória traumática, através da valorização do testemunho e do trauma, dos espaços de recordação e das formas de reescrita do passado, mas também da sua erosão e da sua rasura. Na operação de aceder e dar forma ao passado, participam em igual medida o lembrar e o esquecer, como formas contrapostas, dialécticas ou complementares.

Considerando, na sua complexidade, as relações entre a Memória e o Esquecimento, e as articulações entre a memória cultural, a

memória individual e coletiva, e suas representações literárias, convidamos pesquisadores a refletir sobre questões da maior atualidade e pertinência: Memória e História; as tipologias de memória; os lugares de memória; lembranças individuais e memória coletiva; a verdade da memória; as ficções da memória; o frágil poder da memória; os abusos da memória; as formas de esquecimento; as estratégias de silêncio; memória, esquecimento e implicações políticas; esquecimento como gesto crítico; memória e identidade; memória traumática da tortura; memória e ditadura; disputas em torno da memória; memória, esquecimento e diálogos intergeracionais; memória, esquecimento e tradição literária; memória, esquecimento e citação; memória, esquecimento e preservação do digital.

Estes e outros tópicos correlacionados justificam plenamente a escolha do tema – “Modos de esquecimento e de memória no espaço literário luso-brasileiro”. Os estudos interdisciplinares sobre a Memória constituem hoje um amplo e frutuoso campo de investigação, sendo referência obrigatória os ensaios e as investigações de autores, uns mais clássicos do que outros, tão diversos como: Paul Ricoeur, Jacques Derrida, Paolo Rossi, Pierre Nora, Maurice Halbwachs, Frances Yates, Tzvetan Todorov, Aleida Assman, Ansgar Nünning, Márcio Seligmann-Silva, Marianne Hirsch e Margarida Calafate Ribeiro.

Hoje, talvez mais do que nunca, assistimos a tentativas políticas de implementação de culturas da memória, nem sempre bem-sucedidas, tentando contrariar uma visível erosão amnésica do passado. Nessa matéria, a área das Humanidades deve desempenhar um papel crucial e imprescindível, ao nível de uma autêntica *cultura da memória*. Guardiã ativa de um passado multissecular, a arte da escrita literária apresenta-se como um imenso repositório vivo e em constante releitura, podendo-se falar da memória *da* literatura (reforçando a sua dimensão diacrónica e intertextual), mas também da memória *na* literatura (representações literárias da memória) ou mesmo da literatura enquanto meio de memória cultural.

Da poesia à prosa, a escrita literária sempre se inspirou, de forma contínua e fecunda, nas múltiplas faces da dialética memória/esquecimento, ao longo dos séculos e nos mais diversos estilos de época. Desde logo, não é possível escrever fora da *memória* enquanto tradição literária acumulada. Não por acaso, desde os antigos gregos que a cultura clássica nos relembra que as nove Musas são filhas da deusa Memória (*Mnemosyne*), irmã de Cronos, e do pai dos deuses, Zeus. Ao longo dos séculos, houve momentos de maior permanência ou *estabilidade* dessa tradição literária, com maior ou menor veneração de modelos, como no mega-período do Classicismo; e, também, conhecidos momentos de *ruptura* mais ou menos intensa, como na estética romântica ou nos movimentos modernistas e de vanguarda.

De facto, contemporaneamente, um dos mais ricos filões temáticos da literatura, com um forte pendor intertextual e interdiscursivo, reside justamente na reescrita ou revisão, quer de momentos ou figuras particulares da História, quer também de obras ou textos literários do passado. Assim se procedem às *revisitações* de vária ordem, quase sempre de forma ambígua, com um pé no passado e outro no presente, tendo como alvo matéria da memória individual ou coletiva, muitas vezes à luz de uma atuante e provocadora estética pós-moderna.

Como nos lembra Linda Hutcheon, a narrativa do passado nunca está concluída ou cristalizada, surgindo antes em constantes re-visões críticas, até às modalidades mais recentes da pós-memória. Podem ser histórias individuais, familiares ou coletivas que, de vários modos, surgem apostadas em reler algum aspecto da memória. Um dos destaques processuais da composição literária, sobretudo no domínio da ficção, vai ora para determinados espaços ou *lugares de memória*; ora justamente para a revalorização do ponto de vista ou focalização dos mais marginalizados ou excluídos do passado, como foram as mulheres, entre outros grupos sociais menosprezados.

Enfim, a escrita testemunhal ou memorialística ganha terreno na literatura; em tempos de acelerada vertigem, parecem impor-se formas de contrariar a voragem do esquecimento ou a tendência para implodir narrativas demasiado cristalizadas ou simplistas sobre o passado. Aliás, ao nível da recriação do passado e da re-visão da memória, não deixa de ser muito significativo que sejam especialmente mulheres escritoras a proceder a várias formas de resgate do passado, fazendo-o à luz de renovadas visões e discursos críticos, tantas vezes ao nível das designadas *ficções da memória*. Parafraseando um conhecido título de Primo Levi, para vários autores/autoras esse revisionismo crítico impõe-se hoje como um verdadeiro e urgente *dever de memória*.

Os textos que compõem o dossiê “Modos de esquecimento e de memória no espaço-literário luso-brasileiro” deixam clara a relevância e a multiplicidade de implicações do tema nas literaturas de língua portuguesa nos séculos XX e XXI. Os dois estudos sobre poesia que integram o conjunto formam um interessante arco do modernismo à contemporaneidade. Em “Ruínas da história brasileira num poema de António Botto”, Oscar José de Paula Neto reconhece no “Cântico da Alma Brasileira” a constituição da paisagem e de monumentos do Bairro da Liberdade, em São Paulo, como “lugares da memória”, segundo Pierre Nora. Na composição das três versões do poema português sobre o Brasil, delinea-se uma leitura da memória coletiva, do presente e do futuro do país, implicada pelas referências literárias e pelos interesses políticos e religiosos de Botto, bem como por seu olhar de poeta estrangeiro.

A partir de uma leitura atenta do poema “Saudação a Álvaro de Campos”, de Raquel Nobre Guerra, desdobramento crítico de “Saudação a Walt Whitman”, de Álvaro de Campos, Jorge Miranda reflete sobre os agenciamentos da tradição em poesia. Investigando os diálogos, bem como as rupturas, que a poeta portuguesa contemporânea estabelece com Pessoa-Campos, e as relações destes com o poeta

modernista norte-americano, o ensaísta recupera e avança discussões sobre herança e filiação, cânone, rasura e dessacralização.

No campo da ficção, chama atenção que a maior parte dos estudos aqui reunidos se dediquem a escritoras mulheres – Natália Correia, Teolinda Gersão, Dulce Maria Cardoso, Djaimilia Pereira de Almeida e Ana Margarida de Carvalho –, o que sugere, por um lado, que a dialética memória-esquecimento, o resgate, a revisão crítica e a recriação do passado e seus discursos são questões cruciais para essas autoras; e, por outro, que, em suas narrativas, tais questões surgem com grande apelo, mobilizando leitores e críticos.

Retomando um dos principais mitos fundadores da nacionalidade portuguesa, que num desvio etimológico associa a cidade de Lisboa a Ulisses, o artigo de Larissa Fonseca e Silva, “O viés feminino na lenda de Olisipo na escrita de Natália Correia e Dulce Maria Cardoso”, revisita *Os Lusíadas*, de Camões, e a *Mensagem*, de Pessoa, além de *A cidade de Ulisses*, de Teolinda Gersão, para se deter com mais atenção no conto “A Ilha de Circe”, de Natália Correia, e “Tudo são histórias de amor”, de Dulce Maria Cardoso, que têm em comum a estratégia de destacar figuras femininas ligadas à suposta passagem do herói grego por terras que viriam a ser portuguesas, pondo em questão valores como autoridade e domínio, e postulando uma genealogia portuguesa em feminino.

O artigo de Suelio Geraldo Pereira, “O narrar e o lembrar em ‘Um cinturão’, de Graciliano Ramos, e ‘As cartas deitadas’, de Teolinda Gersão”, mobiliza as reflexões de alguns dos principais pensadores da questão da memória: Ricoeur, Pollak, Candau – e sua narração – e Benjamin, para uma leitura comparada dos contos “O cinturão” e “As cartas deitadas”. Nos dois relatos, narradores adultos assumem o discurso em primeira pessoa e revisitam sua infância e sua adolescência num processo narrativo que se constitui como perscrutação e ordenação, mas também como recriação do passado, e desemboca num trabalho de constituição de sua própria história e subjetividade.

Em “Ana Margarida de Carvalho: a palavra que não teve fim”, Carlos Henrique Fonseca se debruça sobre o romance *Que importa a fúria do mar* e mostra como a memória do amor, vertida em escritura, é modo de resistência às mais cruéis condições históricas, constituindo-se efetivamente como modo de enfrentamento da opressão e da violência. O discurso amoroso, profundamente investido de uma ética, de Joaquim, prisioneiro no Tarrafal, fura a barreira do poder oficial e do silenciamento do trauma, e abre uma via para a narrativa – fantasmal, mas sobrevivente – daqueles que sofreram a História.

Três artigos analisam narrativas de Djaimilia Pereira de Almeida. Em “Pós-memória e intertextualidade como dispositivos da (re) construção da experiência da segunda geração nas narrativas de Djaimilia Pereira de Almeida”, Tatiana Cruz Tavares e Lucilene Soares da Costa detêm-se sobre *Esse cabelo e Luanda, Lisboa, Paraíso* e analisam os romances tomando como guia de leitura o conceito de pós-memória, proposto por Marianne Hirsch e inicialmente retomado para as discussões pós-coloniais no espaço literário luso-africano por Margarida Calafate Ribeiro. O artigo mostra de que maneiras a transmissão da memória entre gerações depende de e gera uma narrativa, que se constitui um dispositivo decisivo na constituição da identidade de sujeitos em trânsito e herdeiros de uma história familiar que comporta violência e silenciamento. Já o artigo de Rodolpho Amaral, “As masculinidades na encruzilhada histórica de *Luanda, Lisboa, Paraíso*”, pensa as representações da masculinidade em *Luanda, Lisboa, Paraíso*, seus paradigmas e subversões, concentrando-se na construção dos protagonistas Cartola e Aquiles, inseridos num meio que manifesta as complexidades dos anos 1980 em Portugal, tempo de elaboração da memória ainda recente do fascismo do Estado Novo português, da revolução que o derrotou em 1974 e da Guerra Colonial. Em “Pescar pérolas no Tejo: um mergulho nas águas de *Maremoto*, de Djaimilia Perei-

ra de Almeida”, Clarisse Dias Pessôa atenta para os trânsitos que caracterizam a relação das personagens de *Maremoto* com a cidade de Lisboa. O constante movimento e o olhar crítico para as ruínas da paisagem urbana (e do projeto histórico colonial que nela deixou profundas marcas) possibilitam uma aproximação das figuras do romance português contemporâneo com o *flâneur* baudelairiano estudado por Walter Benjamin. Mostra-se, assim, como a ficção de Djaimilia revela uma face obscena, submersa da cidade.

A proposta de “‘Senhor Ulme, encontrarei o seu caroço e dar-lhe-ei um motivo para ser cuspidor’: uma leitura da memória em *Flores*, de Afonso Cruz” é pensar memória coletiva, memória individual e identidade como um tripé. O artigo de Delcianne Kathlen Silva Lima, Gabriel de Jesus dos Anjos Costa e Márcia Manir Miguel Feitosa acompanha a amizade entre o jornalista Kevin e o Senhor Ulme, seu vizinho, permeada pela busca e pela reconstrução da memória, por esforços para reencontrar o sentido da vida, num enfrentamento do esquecimento, do luto e da perda de referências. Um drama de sujeitos pós-modernos.

Além do dossiê temático, a revista traz ainda duas resenhas. Nefatalin Gonçalves Neto comenta *O retorno do épico e outras voltas*, reunião de ensaios críticos de Jorge Fernandes da Silveira, que, ao modo de leitura em conversa do autor, tece uma rede de relações na literatura portuguesa do século XX, tendo Camões como fio guia. Já Guida Cândido se ocupa do livro *Annona ou Misto curioso*, edição em volume dos trinta e seis fascículos do primeiro periódico de culinária em língua portuguesa, que circulou em Portugal em 1936 e 1937. Importante peça na história da gastronomia e da alimentação no espaço cultural lusófono, a publicação é fruto de uma colaboração entre pesquisadores do Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras (PPLB), do Real Gabinete Português de Leitura, do Rio de Janeiro, e a Livraria Lello, do Porto.

Com o mote desse livro autenticamente luso-brasileiro, que resgata e faz reviver a memória necessária de uma obra por muito tempo esquecida, desejamos aos leitores uma leitura saborosa, em fruição e saber, deste número da revista *Convergência Lusíada*.

José Cândido de Oliveira Martins

Universidade Católica Portuguesa / Braga

Mônica Genelhu Fagundes

Universidade Federal do Rio de Janeiro